

## Educação Espírita: Evangelizar ou Comunicar o Espiritismo?



Há a necessidade da evolução do processo de ensino-aprendizagem do espiritismo nas instituições espíritas buscando, assim, uma maior sintonia com a proposta pedagógica dos Espíritos Superiores, alicerçada no coerente e competente trabalho de Allan Kardec.

Demonstrar o quanto o nosso trabalho individual e coletivo é importante para o momento histórico e doutrinário que atravessamos, é a nossa proposta central.

Tratando especificamente da Educação Espírita, devemos entender o processo de evolução que desemboca nos dias atuais. Em primeiro lugar, a Educação é um processo de totalidade, que visa o engrandecimento completo do ser espiritual. Assim, a proposta educativa do espiritismo é muito mais ampla do que o conceito de evangelização, porque esta representa, a princípio, "educar conforme o evangelho", isto é, assume a conotação reducionista, apoiada tão-somente no Evangelho.

Contudo, alguém poderia dizer: - Mas, no Evangelho de Jesus não estão contidas as máximas, orientações e respostas para as diversas contingências da vida? Sem dúvida... Mas, o que acontece, na realidade, é a tentativa de "imposição" de uma determinada crença, isto é, a "religião" espírita, tal qual se faz entre as diversas denominações religiosas de nosso tempo. O importante, é a abertura dos conceitos e propostas, no sentido da evolução espiritual do ser, através do esclarecimento, sem necessidade alguma de "doutrinar" alguém.

Quando, então, passamos a utilizar a expressão "educação espírita", necessariamente, saímos da visão de "evangelização", porque não existe o compromisso de fazer com que os outros "aceitem" nossas verdades, ou os fundamentos do espiritismo, sem raciocinarem - eles - especificamente sobre as diversas questões que o espiritismo possa apresentar. Assim, investimos num novo paradigma para a Educação Espírita, que é o de "comunicar" o Espiritismo. Comunicar é repassar idéias, mas também recebê-las, porque em verdade cada ser traz uma bagagem espiritual que lhe permite discutir as principais questões de sua vida, suas relações, do mundo, do universo...

Quando eu me comunico com o outro, eu desço do "pedestal", de professor, de orientador, de mestre, de "sabe-tudo", passando a conhecer melhor o universo do educando e, com isso, com sua experiência, sua realidade pessoal e, com base nos cenários de sua vida, posso ampliar o meu conhecimento e o dele, num aprendizado recíproco e constante.

A proposta contida na filosofia espírita, tendo como ante-paro as obras básicas - embora não limitada a elas, porque o conhecimento é, também, evolutivo - está firmada sobre a noção de Espírito como "Ser Integral" e prega a evolução como necessidade de todos os seres, após criados. Se o ser é integral, ele não pode se dar ao luxo de privilegiar apenas uma faceta do conhecimento. Tem, com isso, que enveredar por diversas searas, onde aprenderá com as experimentações e, se ficar limitado a apenas um aspecto, não alcançará a completude, a integralidade. Reconhecemos que, embora necessária no percurso evolutivo da Educação Espírita, a fase da evangelização já se encontra superada. Foi importante a fase do "catecismo espírita", ou as aulas de "educação evangélica ou moral" para as crianças. Naquela época, tudo girava em torno da idéia de espiritismo como religião. A proposta espírita é bem mais abrangente. Veja-se o próprio "conceito" de Espiritismo, epigrafoado pelo Codificador na abertura de O livro dos espíritos: "Filosofia espiritualista, com bases científicas e conseqüências morais".

Privilegiar um aspecto em detrimento dos outros, sobretudo nas fases iniciais, de educação espírita para crianças, adolescente e jovens, é minorar a importância do trabalho que a Educação Espírita proporcionará a todos que dela se aproximarem.

Não somos favoráveis à educação "evangélica"; somos adeptos da Educação Espírita, a qual indica que os conteúdos programáticos contidos nos planos de ensino de cada um dos grupos (faixas etárias) irá apresentar o espiritismo com base na sua tríplice concepção: ciência, filosofia e moral. Na maioria dos centros, de norte a sul, relega-se a educação espírita ao segundo plano. Preocupa-se com palestras, passes, reuniões mediúnicas, deixando a educação de crianças, adolescentes, jovens e, pasmem, até adultos, para "voluntários". Claro que é importante também verificar a realidade de cada instituição. Nem sempre há pessoal qualificado e experiente para a função, mas isto não pode ser desculpa para o "amadorismo" na execução da tarefa...

Se não temos um Pedagogo, um Professor com formação universitária, ou, mesmo, alguém que fez magistério, que invistamos na formação destes "educadores", possibilitando-lhes o acesso à bibliografia especializada, a realização de cursos e seminários, a participação (obrigatória) em eventos da área, promovidos pela casa ou outras

instituições. Além disso, a criança e o jovem precisam de alguém que fale a sua língua, que lhe proporcione o conhecimento com alegria, confraternização, entusiasmo... Antes, quem realizava a evangelização nas casas? Geralmente aquela dona de casa, o aposentado, o companheiro - com muito boa-vontade, até - mas que não tinham experiência didática - e, às vezes, nem formação doutrinária suficiente para lidar com este público...

Então, o que se via (e ainda se vê) era o esvaziamento das reuniões e os conflitos... Muitos centros, também, optavam por destinar o trabalho de evangelização - sobretudo das crianças - para um ou mais jovens da mocidade. Igualmente, o trabalho - embora feito com muito carinho - deixava a desejar... Temos que entender a necessidade URGENTE da especialização das atividades espíritas, destinando muito mais atenção para a formação - sólida e adequada - de nossas crianças e jovens. Se deixarmos isso de lado, não alcançaremos bons resultados na tarefa.

A proposta pedagógica da comunicação espírita funda-se precipuamente na idéia da participação. O educando não é mais encarado como receptáculo do conhecimento, uma página em branco, na qual você, Educador, vai inscrevendo conceitos, teorias, noções... A idéia básica é a do envolvimento total do educando, procurando adequar à proposta curricular uma metodologia de ensino que contemple o acesso ao universo que o educando participa: família, amigos, escola, centro, vizinhança, clube...

O contexto ensino-aprendizagem, assim, fica bastante enriquecido, porque as informações de natureza espírita passam a se relacionar direta-mente com a dinâmica de sua vida. Assim, entendemos a necessidade urgente da reformulação, primeiro, da visão do que é educação, pois aquele ser que está ali, no grupo de infância, pré-juventude, juventude ou mocidade, é, segundo a doutrina, um espírito imortal, com diversas experiências válidas no pretérito. E, não somente isto; no presente, também tem vivências que devem ser exploradas, procurando encaixar as noções espíritas às experiências do hoje, condição inafastável para o êxito da tarefa. Quanto à idéia da comunicação, eu perguntaria: - Você se comunica bem? Os outros entendem o que você fala, o que você quer? Você presta atenção no que os outros estão dizendo, num diálogo? Quer saber o que o outro pensa? Ou está preocupado, apenas, em "doutrinar" o outro, em fazer com que ele pense igual a você?

É este o escopo do trabalho da "comunicação do espiritismo". Não ensinar os outros, como somente você fosse o proprietário do saber. Aprender com ele, também, mesmo que você já conheça muito mais do que ele em várias áreas do conhecimento humano. Em suma, estar disposto a, no diálogo com o outro, dar espaço de expressão para ele, respeitá-lo, entendê-lo e, num aprendizado recíproco, compreender melhor a doutrina, a vida, a sua realidade, a do outro, o universo...

Aqui em nosso movimento espírita local, temos insistido na criação (o exercício da criatividade). Os educadores espíritas devem deixar de lado a idéia de "manual", de "apostilas", porque estes, na maioria dos casos, são iguais às receitas de bolo: têm os ingredientes e você tem que fazer exatamente como ali está, para dar um "bom" resultado.

Toda generalização, contudo, é temerária e deficiente... Como adequar uma mesma apostila para realidades tão díspares quanto as experimentadas nas diversas regiões deste nosso Brasil continental? Como aplicar um mesmo plano de curso para crianças de um bairro de classe média, onde há um centro espírita, e para aquelas que freqüentam um centro de periferia, ao lado de uma favela? É evidente que existem ótimas obras à nossa disposição, inclusive, as mais recentes, que contribuem com aspectos relativos à filosofia da pedagogia espírita, currículo, metodologia de ensino e até sugerem técnicas de estudo e dinâmicas de trabalho em grupo. O importante é utilizar todo e qualquer material disponível como "ponto de apoio" e nunca como "mapa" ou "receita". Na verdade, nós nos acomodamos com o tempo... Perdemos a graça, o estímulo, a criatividade, e até o interesse. A grande sacada é, então, descobrir-se, encontrar uma fórmula real para o trabalho cotidiano. Não se conformar com aquilo que alguém apresentou como "fórmula" para a educação.

Mas, veja bem, não estamos dizendo: - Jogue as apostilas no lixo, ou esqueça-as... Na verdade, queremos dizer: não as utilize apenas e tão-somente como o único recurso didático para o seu trabalho. O "grito de misericórdia" para a independência pedagógica do trabalho educacional espírita é: faça, ouse, acredite, crie, aconteça. Nossos educandos precisam disso... Urgentemente!

Noutro prisma, as manifestações artísticas e o uso de dinâmicas ou técnicas de estudo são um complemento competente ao ensino espírita. Mas, na maioria das instituições, infelizmente, a proposta da arte como divulgação e educação espíritas ainda é vista com ENORME preconceito. Perdemos excelentes oportunidades de "dar o nosso recado", de instruir, de aprofundar conceitos, de provocar as emoções (positivas), de fazer rir e chorar, porque alguns acham que a arte espírita é uma deturpação da proposta educacional... Uma lástima! Na verdade, os recursos didáticos mais modernos, nas escolas e universidades, apontam para a multidisciplinaridade, as multifacetadas dos inúmeros recursos postos à nossa disposição. Em suma, tudo na vida pode ser considerado inicialmente neutro: você pode usar para o bem ou para o mal, para construir ou destruir. Veja o caso da música... Há canções belíssimas, com mensagens fantásticas, que elevam o ser, põem-no p'ra cima, dão incentivo para que ele lute e vença... Em contrapartida, temos "músicas" sofríveis, como aquelas que vemos na maioria dos programas de auditório. Isto acontece porque, pedagogicamente falando, há público para tudo, ou, "gosto p'ra tudo", como se costuma dizer. Nas instituições espíritas em que colaboramos, sempre incentivamos a arte, nas suas diversas expressões (música, teatro, dança, fantoches) e a literatura para transmitir a mensagem positiva do espiritismo. A arte, aliás, como os Espíritos a conceituam, é "o belo fazendo o bom". E se é belo, conduz ao bem.

Então, de que forma a educação espírita está ligada ao "comunicar"? Comunicar, há décadas atrás representava a existência de um emissor da mensagem e um receptor da mesma. Ou seja, alguém detinha o

conhecimento e o repassava para quem dele precisava. No aspecto pedagógico, funcionava assim: lá pelas décadas de 70 e 80, numa época altamente repressiva, quem eram nossos educadores e professores? O que acontecia numa sala de aula? A palavra do educador, do professor era A LEI... Então, ninguém discutia. Com a abertura, o que são nossas salas de aula e espaços pedagógicos (dos diversos ambientes - inclusive o Centro Espírita -) hoje? Espaços de construção coletiva. Não existe mais o "dono da verdade", o "dono da informação". É necessário sim, não uma receita de bolo, mas a oportunidade da mudança do processo. Envolver o educando, tirar dele todo o proveito, toda a participação, fazê-lo cúmplice, para que ele também possa decidir o que deseja aprender primeiro, e em que aspectos a informação espírita pode lhe ser útil, hoje. Comunicar o espiritismo, assim, é também aprender com o outro, e numa idéia de ALTERIDADE, crescer com aquilo que o outro possa lhe propiciar, no diálogo, no trabalho, na vivência, na aula, na vida... Alteridade é, assim, a nível comunicativo espírita, a idéia de que o outro não está ali para receber, mas para receber e doar, porque, em suma, todos nós, espíritos em evolução temos muito o que aprender e trocar, uns com os outros.

É importante salientar, também, que o continuísmo das atividades acaba afastando o jovem da Casa Espírita e o levando a frequentar outros grupos religiosos, onde a expressão do jovem é mais livre, mais atraente. Não vamos entrar no mérito de "qual proposta é melhor", porque nós, espíritas, vamos dizer sempre é a nossa. Muitos centros estão centrados no modelo administrativo do século passado, excessivamente centralizados, pouco democráticos, onde a liberdade de expressão e construção coletiva beiram a zero. Isto não quer dizer que, em determinadas circunstâncias, não se tenha participação, ou decisão com bases coletivas. Mas, em essência, aquela figura do "presidente-mandão", centralizador, todo-poderoso, infalível, sabe-tudo, é uma constante... Resultado: toda proposta "alternativa", que fuja aos padrões pré-concebidos, é vista com desconfiança, não é aceita e, até, é rejeitada com ameaças. Fundamentalmente, o que se precisa modificar é a mentalidade de que os grupos (principalmente de jovens) são um universo fechado em si mesmo. Porque não têm espaços na casa, vivem somente para si, fazem seu próprio cronograma, realizam atividades somente para o público "interno".

Ninguém é jovem para sempre (idade cronológica). Um dia, ele sairá da juventude, assumindo outras tarefas. E se não estiver preparado, ambientado, próximo, será tudo mais difícil. Na maioria das situações, ele não espera que as pessoas mudem, porque isso demora DEMAIS. Ele sai à procura de outros espaços, onde é mais feliz e as pessoas lhe respeitam, falam a sua língua e lhe dão oportunidades. Enquanto isso, nossas mocidades se esvaziam, justamente porque as demais filosofias religiosas fazem o "marketing" da fé, dando espaço p'ro jovem, reconhecendo seu potencial, pois ele é um "fiel" de hoje e do amanhã. E, estando satisfeito e feliz, continuará naquela filosofia por muito tempo, trazendo, ainda, amigos, parentes e outros, contribuindo ainda mais para aumentar o "rebanho". E nós espíritas, o que fazemos? Acharmos que juventude boa é "a que não incomoda", que fica lá no seu cantinho, não provoca questionamentos, não reivindica espaços. Enquanto isso, nossos centros vão ficando sem jovens... uma pena!

Como colocar, então, o jovem na prática das atividades espíritas? As universidades de hoje aliam o conhecimento teórico ao prático promovendo, por exemplo, oficinas, centros de interesse, atividades de laboratório, simulações e estágios. Falta ao movimento espírita esta visão sistêmica. Ele fica na mocidade até "estourar" a idade, e sai de lá sem nenhuma visão de conjunto, sem ter tido a oportunidade de ser "testado" nas demais atividades espíritas. Aí, ele não sabe bem o que fazer, na grande maioria das vezes... Vai ficar saltando de galho em galho, ou perdendo precioso tempo até achar aquilo que quer fazer. Na verdade, com a chamada integração, o conhecimento recíproco entre as diversas áreas da instituição, com a frequência, a experimentação, mesmo que a nível preliminar, uma espécie de "estágio" aqui ou ali, seria possível canalizar as diversas especialidades do jovem. Mais que isso: seria investir muito mais na sua formação integral, porque, em verdade, ninguém vai ser "passista" ou "atendente fraterno" ou "bibliotecário" a vida toda, não é? Com isto queremos pregar, também, a chamada reciclagem, porque todos devem exercitar o conhecimento e a prática espíritas, nas diversas áreas da casa.

Por extensão, no âmbito da teoria e da prática espiritualistas, há que se ponderar acerca da mediunidade. Como colocar o jovem frente à prática mediúnica? Não é necessária a educação teórica prévia? A mediunidade não é apenas algo teórico. Passamos muito tempo entendendo que tínhamos que receber toda a teoria mediúnica para depois experimentá-la. As coisas não são assim. A fenomenologia acontece, as vias (canais) mediúnicos se abrem e não obedecem a um planejamento didático-pedagógico. As juventudes espíritas de nosso país já vão tratando dos aspectos relacionados à mediunidade nos planos de ensino, dando ao jovem a oportunidade de conhecer a teoria espírita, em seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e moral). Com a integração que mencionamos, naturalmente, estando apto para o desenvolvimento, ou, melhor, para as reuniões práticas mediúnicas, ele já estará amadurecido quanto à teoria necessária para o trabalho. Um grave erro, no entanto, é estabelecer critérios para a atividade mediúnica, como ter que frequentar tantos anos de cursos e núcleos para depois experimentar. Experiência vem com a prática e ninguém, nunca está totalmente pronto! Então, com cuidado, com a correta supervisão, o contributo dos mais experientes, sobretudo aqueles que já têm maiores conhecimentos científicos e filosóficos, será possível completar a formação. Aliar teoria e prática, como sói acontecer em todos os campos do conhecimento humano. A palavra da hora é desmistificar, simplificar o processo, como simples é a própria vida. Tratar com carinho e responsabilidade e oportunizar, favorecendo o aprendizado e a experimentação. Esta é a proposta para um "novo" espiritismo, fiel às suas bases kardecistas, mas moderno, arejado e sobretudo atraente para todos nós.

Há todo um movimento espiritual no sentido de realinhamento da proposta pedagógica da Doutrina Espírita. Inúmeros espíritos, encarnados ou não, contribuem para reorganizar as atividades espíritas, no sentido de propiciar a todos o correto entendimento das verdades espirituais. O momento é de definição. Por isso, propostas que promovem a participação, a assunção de tarefas e responsabilidades são desafiadoras, mas urgentes. Esperamos que a atividade educacional possa efetivamente estar a serviço da mensagem espírita, não como patrimônio de

alguns, mas como ex-pressão legítima da liberdade e do crescimento espiritual.

Tenhamos a certeza de que, como todo e qualquer movimento de reformas, o início causa surpresa, as propostas são até combatidas, mas a constância, a perseverança e o esclarecimento de todos contribuirá para a efetivação de um novo paradigma para a proposta espírita. Comunicar o espiritismo, assim, significará para todos, o espaço para o conhecimento recíproco, a fraternidade e o amor.

Que possamos, então, nos preparar adequadamente para isso

( Marcelo Henrique Pereira - Diretor de Política e Metodologias de Comunicação/ABRADE [www.abrade.com.br](http://www.abrade.com.br))